

O Mesmo e o Outro

A Transferência e a alteridade ¹

Ana Maria Andrade de Azevedo ²

“Immobile je suis étendue sur le lit voyant mès propres yeux
Vous me regardez avec eux
Meurs! Ce désir est tellement sans mots que je pourais croire
Que j’en meurs moi-même.”**

Começarei minha apresentação com um fragmento clínico, pois esta mesa faz parte do tema “A Psicanálise e suas Clínicas”, com o título, “A transferência e a Alteridade”.

Rita é psicóloga, casada há pouco mais de dois anos, e pretende ser psicanalista. Rita sempre se caracterizou pelo que eu chamaria de “uma boa menina”, talvez por ser a primeira filha de um casal com muitos filhos, desde cedo aprendeu a esperar, concordar e não exigir muito. É assim em seu casamento, e foi assim em sua infância.

No atual momento, Rita pretende fazer a formação em Psicanálise, tema este que tem talvez contribuído, para que eu seja levada a pensar com mais frequência na questão da transferência e da individualização.

Não que Rita desenvolvesse comportamentos, que me fizessem pensar em “imitação” ou em uma “exagerada adequação” à analista. Mas essa paciente como outros, sentia que a análise

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa “Transferência e alteridade: desconcertos” com Talya S. Candi no eixo “Psicanálise e suas clínicas” no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

² Analista didata e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

exercia um “certo poder” sobre ela, e daí em diante, faltava pouco para transformar a analista, em poderosa, cheia de desejos de como ela devia ser, uma analista exigente e formatadora.

Nos anos que antecederam este momento que irei apresentar, Rita delongava-se em relatos e narrativas, onde descrevia sua vida e suas relações familiares. Dificilmente ficava silenciosa, parecendo-me que parte de sua angústia se mostrava aí: em sua necessidade de falar. Com o passar do tempo e devido a minha postura, evitando constantes interpretações, procurando mais escutar que falar, pareceu-me que a postura de Rita foi se modificando. Especificamente no momento que pretendo relatar, (um fragmento de sessão) ela tem estado mais silenciosa, e, portanto, mais angustiada. E assim começa uma sessão de segunda-feira:

- Silêncio de 5’

- Deitei aqui, e me senti achatada, mas de um jeito diferente. É como se eu fosse e estivesse numa bolha achatada dentro d’água, então olhando de fora, não daria para me ver! Uma mesmice, sem diferenciação... (silêncio).

(Eu penso nas questões da identidade e da indiferenciação, sua fala me sugere um desejo de estar dentro, de uma bolsa amniótica por exemplo, porém, não digo nada.) Ela continua:

- Estou com um cisto no meu dedo, tenho que operar, mas a pele está tão fina cheia de água, que não sei se o médico vai querer fazer isso. É uma cirurgia pequena, fiquei meio ansiosa, mas sai de lá bem. É uma coisa prática não me perturba. Mas... essas coisas da minha cabeça, não sei, é muito difícil, parece que eu não tenho nada, fico aqui entregue a você, esperando uma dica sua... – Será que vou ter que voltar atrás? Eu antes tinha menos dúvidas agora não sei nada, o que devo fazer... O A (marido), com toda aquela verborragia dele me faz ficar pior!

Digo-lhe – desde que você chegou hoje parece estar lutando com seus sentimentos e desejos. Uma bolha ora na água, ora no dedo, e você sentindo que nem eu nem seu marido a ajudamos.

- Eu antes tinha menos dúvidas. Agora sinto que não sei o que fazer! Lembrei-me de um sonho... estava com meus irmãos, todos, íamos ter que construir um piso, eu me via muito empenhada. Era algo bem simples, para a gente poder pisar, andar em cima, mas era tudo tão sombrio nesse lugar! Acho que é isso, estou nessas de fazer um chão, aí então achar um caminho e fazer algo meu.

Digo-lhe – então não é verdade que você não tem nada, até sonhar você sonha e consegue construir caminhos, pisos...

- Isso que você me falou me fez lembrar agora que uma vez me esqueceram por muito tempo na escola, e eu fiquei “colada” no chão, até fiz xixi na calça! Colada no chão tem que ver com piso, não é?

- Você começou a sessão falando de uma bolha achatada no fundo d’água, invisível, depois essa bolha foi para seu dedo, agora parece que você se tornou visível, porém, como uma menininha esquecida e apavorada!

- É mesmo!

- Parece-me que é muito difícil e doloroso ser você mesma!

Interrompo aqui o relato da sessão, pois acredito que esse material é suficiente, para abordarmos brevemente o tema da “Transferência e Alteridade”.

O “outro”, ou seja, o objeto que não a própria pessoa, exterior e diferente dela mesma, e ao mesmo tempo expressões dela mesma, não se constituiu em um dos temas preferidos de Freud; no entanto, num trabalho de 1912, é visível uma referência ao primeiro objeto. Diz ele, ao se referir às diferentes correntes afetivas presentes nas relações com o objeto: ...o *objeto original do infans é aquele que assegura a passagem entre a necessidade de auto conservação e a pulsão sexual, ou seja, entre a libido auto erótica e a libido de objeto. A confluência dessas duas diferentes correntes, uma terna e afetiva e a outra sexual, não é facilmente alcançada.* (Freud, S., 1912, pg.203-216)

Em 1914, ao tratar do tema do “Sinistro”, Freud nos oferece um longo e instigante texto sobre o “outro”, o desconhecido, mostrando como as diferenças e os aspectos misteriosos do outro, podem facilmente serem identificados ao indesejável, o proibido etc. Não abordaremos aqui mais amplamente esse tema, devido a nosso curto tempo de apresentação.

A tolerância à frustração, e as possíveis e consequentes fixações, serão elementos importantes para garantir a transição, entre a libido erótica, ou seja, voltada para si-mesmo, e a libido de objeto. Maior ou menor dificuldade, nessa transição, será o que permitirá, ou não permitirá mais tarde, a transformação da libido infantil edípica na libido da sexualidade adulta.

Após Freud, e com o desenvolvimento da Psicanálise, a noção de objeto se impõe e a “relação de objeto”, passa a ser um dos temas mais estudados pelos psicanalistas. Não nos referimos aqui, apenas a noção e à presença de um objeto externo, diferente da pessoa mesma e indispensável para o desenvolvimento desta, mas também, à noção de representação interna do objeto, necessária para a constituição de um psíquico simbólico.

Na epígrafe deste texto fiz menção a um pequeno trecho de uma poesia de poeta húngaro. (Atilla, J, in “Libres et Cahiers pour la Psychanalyse”, 2001,n. 3) onde penso que é enfatizada de maneira muito bonita a relação entre esse eu e um outro, que na verdade é frequentemente identificado como o si mesmo.(pg.78)

Aprecio de forma muito especial, um trabalho de Rolland J.C. (2015) onde esse tema, o do objeto, é tratado de uma forma bastante interessante, que passarei a mencionar aqui.

O ver a si mesmo, nos olhos do outro, confundir quem está fora com quem está dentro, o si mesmo, é uma possibilidade muitas vezes presente em momentos da psico sexualidade da criança, que ainda não consegue distinguir o eu do outro, o fora e o dentro. Com o desenvolvimento psíquico essa dificuldade tende a diminuir e talvez a desaparecer. No entanto, a transferência na análise, revela que, muitas vezes a indiferenciação e a eliminação desses limites, continua a existir, mesmo quando pensávamos que esta já houvesse desaparecido.

Talvez, essa possibilidade, tenha contribuído para que a colocação de Rolland, focando a questão do objeto, me pareça tão interessante. Diz ele: “O objeto é, na teoria psicanalítica, aquele que atende e responde à pulsão. *Será sempre um mediador entre o objeto original e o objeto definitivo da pulsão sexual, seu sucedâneo*” (2015, p. 319).

O objeto chamado aqui de “objeto original” refere-se a um objeto mítico, virtual, que precisa ser inferido. Mas este é sem dúvida “original” isto é inicial, fruto de uma intensidade aplacada com seu aparecimento, seja este fantasmático ou alucinatório.

Em seguida podemos pensar que tem lugar os objetos parciais, como postulados por Freud e Klein, partes sempre em busca de uma fusão, ou de um maior apaziguamento da necessidade.

Por fim, podemos pensar um “objeto definitivo”, porém, diferente sempre do real. Um objeto muito mais “criado”, do que percebido. Esse objeto definitivo corresponderá ao que corresponde no trecho inicial de Freud, o “objeto da pulsão sexual”.

O caminho é longo e penoso, sendo, portanto, o alcance ao “objeto da pulsão sexual sucedâneo do objeto inicial da pulsão”, um objetivo de todo desenvolvimento humano, caracterizado mesmo por essa necessidade.

Por essa razão, talvez, uma parte do corpo, investida prazerosamente e originalmente pela pulsão, nunca deixará totalmente de ter um papel, na sexualidade adulta. Também por essa razão as experiências muito frustrantes, poderão provocar fixações, menores ou maiores, impedindo que o investimento de objeto possa migrar para outros objetos, sexualmente mais adequados.

Mudança de investimento, fusionamento de objetos parciais, mudança de objeto, complexidade crescente. Diz Rolland:

Na origem do desenvolvimento humano, podemos inferir uma enorme proximidade devido à indiferenciação, entre a criança, então sem autonomia, e sua mãe, o outro que a atende: talvez pudéssemos aproximar essa situação à paixão amorosa. Uma plenitude e uma harmonia, paradisíaca, entre a criança e sua mãe, que, no entanto, o passar do tempo logo irá ter que desmentir. Sem dúvida, é a relação de objeto original que determina esse sonho: Sonho de satisfação de desejo (alucinatório) que será buscado durante toda a vida, nos novos objetos investidos sexualmente (2015, pg.320).

E de que fala Rita senão desse intenso desejo de se fundir, estar dentro, indiferenciada, como uma bolha dentro da água? Bolha que é identificada em seguida, em seu dedo, objeto de uma cirurgia, para desfazer a fusão?

A transferência na análise é também uma situação amorosa e uma situação de repetição. É isso que possibilita que situações como esta que tentarei descrever com Rita, sejam retomadas e reconsideradas a partir de uma realidade externa inquestionável!

Ela está na sessão e se vê primeiro como dentro de uma bolha, (dentro do corpo da mãe, dentro de mim?), para depois conseguir migrar para seu dedo, numa outra bolha, mais objetiva/real, que pode até ser extirpada; o dedo, talvez objeto erógeno de sua primeira infância, objeto que precisa ser cirurgicamente tratado.

Em seguida pode começar a associar, psiquicamente, e distinguir algo do si-mesmo, relembrando um sonho. Quando sonha, penso que não está mais indiferenciada.

O sonho recupera e retoma a perda de objeto sofrida, a perda do objeto inicial, e tenta iniciar um luto. Luto este que se repete infindamente, nas lindas palavras de Pontalis, J.B. “O sonho trata a dor”.

Quando Rita sonha, tem sua estória, sua existência em meio a vários irmãos, tratada e visualizada. Precisa construir um piso, um chão, portanto o desejo do passado, de imobilidade e de extrema dependência, está sendo substituído pela necessidade de caminhar, de mover-se. É sem dúvida um momento sombrio, pois supõe a separação, a dor.

Um momento de dor, que a faz rememorar-se da escola, do esquecimento! Rememorar o sofrimento da “desmentida”! Pois até na infância a tinham esquecido! E essa lembrança à deixa tão assustada e amedrontada, que ela ficara “colada” (fixada) no chão, e regredida (fazendo xixi).

Estamos, ao propor essas ideias, fazendo uso também, da presença de uma teoria de representação psíquica, supondo a presença de traços mnêmicos, que irão vir a ser utilizados, graças a sua preservação numa reserva, (memória), para que essa paciente possa associar e fazer uso de “imagens” e palavras que serão resgatadas nesse momento.

Refiro-me as imagens do sonho, as lembranças do dia anterior e as lembranças da infância. Expressas fantasticamente com a palavra “colada”, que com sua riqueza de possibilidades fala da sua dor e de sua impossibilidade para o alcance a uma relação de objeto significativa. Para que essas representações possam ser assumidas por ela mesma como lembranças e associações livres, é necessário que, “a representação rompa a ligação prévia com seu modelo e seja investida com certo poder, tal como um rei decapitará um usurpador, para assumir seu trono...Será também necessário, que a organização psíquica sustente esse processo, e não permita que a representação seja confundida com o que ela representa. A esse processo denomino introjeção... e ocorre cada vez que a perda do objeto possa ameaçar ao sujeito com o perigo de morte.” (Rolland, 2015, pg. 322).

Claramente, a ideia de rompimento da representação com o modelo anterior, fala da possibilidade de separação e renúncia, sem dúvida um momento doloroso na vida da criança, bem como de uma caracterização do que se constituirá mais tarde, na identidade psíquica individual.

Não se trata de um processo simples ou imediato, serão sempre tentativas feitas no sentido do exemplo de Rolland, de assumir escolhas e aceitar a renúncia psíquica, através de figurações ou de representações de palavra, numa construção constante do si mesmo, através dos objetos armazenados pelo sujeito. Surge o “Outro”, inicialmente vislumbrado em meio a uma nebulosa, próximo, porém, também diferente. No entanto, o objeto original nunca desaparece; ele é conservado na memória. Este se constituirá no protótipo do “objeto interno”, um objeto primitivamente amado (Édipo), que seguirá daí em diante, em busca de um novo objeto para substituí-lo.

Esse será um processo complexo e lento, que se desenrola desde o início da vida. Objeto edípico formatado inicialmente graças aos vínculos estabelecidos com os pais, e reencontrado uma infinidade de vezes durante a vida da criança e posteriormente do adulto. Esse objeto primeiro, virtual de certa maneira, estará sempre presente nas escolhas feitas constituindo-se assim num mesmo, que é outro.

**Imóvel, deitado no leito vendo meus próprios olhos,

Você me olhava com eles.

Morrer! Esse desejo é tão sem palavras que poderia acreditar

Que sou eu mesmo que morro!

Jozsef, A 1937

Referências

Bak, Robert C.(2001) – « État amoureux et perte d’objet, » in Libres Cahiers pour la Psychanalyse, Printemps, 2001, numero 3 - Centre National du livre. Paris

Freud,S.(1912) – “Contributions to the Psychology of Love”, in Collected Pappers, vol.IV, London, The Hogarth Press, Papers on Applied Psychoanalysis.

Rolland,J.C.(2015) – « Quatre essais sur la vie de l’âme », Éditions Gallimard, série Connaissance de l’Inconscient, Paris, France